

RENCONTRO
literatura

Manuel Antônio de Almeida

**Memórias de
um sargento
de milícias**

Adaptação de
Carlos Heitor Cony

Ilustrações de
Newton Foot



editora scipione

Gerente editorial
Sâmia Rios

Editor
Ângelo Alexandref Stefanovits

Assistente editorial
Luiz Roberto Dias de Melo

Preparadora
Maysa Monção

Revisoras
Andréa Vidal
Gislene de Oliveira

Coordenadora de arte
Maria do Céu Pires Passuello

Diagramador
Fábio Cavalcante

Programador visual de capa e miolo
Didier Dias de Moraes



editora scipione

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400
6.º andar e andar intermediário Ala B
Freguesia do Ó
CEP 02909-900 – São Paulo – SP

DIVULGAÇÃO
Tel.: 0800-161700

CAIXA POSTAL 007

VENDAS
Tel.: (0XX11) 3990-1788

www.scipione.com.br
e-mail: scipione@scipione.com.br

2010

ISBN 978-85-262-4738-3 – AL

ISBN 978-85-262-4739-0 – PR

Cód. do livro CL: 734290

2.ª EDIÇÃO
10.ª impressão

Impressão e acabamento



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cony, Carlos Heitor, 1926-

Memórias de um sargento de milícias / Manuel Antônio de Almeida; adaptação de Carlos Heitor Cony. – São Paulo: Scipione, 2000. (Série Reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Almeida, Manuel Antônio de, 1831-1861. II. Título. III. Série.

00-1816

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

SUMÁRIO

<i>Nota do adaptador</i>	5
<i>Quem foi Manuel Antônio de Almeida?</i>	7
I. Origem, nascimento e batizado	9
II. Primeiros infortúnios	12
III. Despedida às travessuras	15
IV. Fortuna	18
V. O Vidigal	20
VI. Primeira noite fora de casa	21
VII. A comadre	23
VIII. O pátio dos bichos	26
IX. O – <i>Arranjei-me</i> – do compadre	27
X. Explicações	29
XI. Progresso e atraso	31
XII. Entrada para a escola	33
XIII. Mudança de vida	36
XIV. Nova vingança e seu resultado	38
XV. Na casa da cigana	42
XVI. Sucesso do plano	44
XVII. Dona Maria	45
XVIII. Amores	48
XIX. Domingo do Espírito Santo	50
XX. O fogo no campo	51
XXI. Contrariedades	54
XXII. Aliança	55
XXIII. Declaração	56
XXIV. A comadre em exercício	58
XXV. Trama	60
XXVI. Derrota	64
XXVII. O mestre de reza	66
XXVIII. Transtorno	68
XXIX. Pior transtorno	71

XXX. Remédio aos males.	75
XXXI. Novos amores	77
XXXII. José Manuel triunfa.	80
XXXIII. O agregado	83
XXXIV. Praga.	85
XXXV. Triunfo completo de José Manuel.	88
XXXVI. A fuga	89
XXXVII. O Vidigal desapontado	91
XXXVIII. Caldo entornado	93
XXXIX. Ciúmes	96
XL. Fogo de palha	97
XLI. Represálias	99
XLII. O soldado	102
XLIII. Novas diabruras.	106
XLIV. Descoberta	111
XLV. Empenhos.	113
XLVI. As três em comissão.	116
XLVII. A morte é juiz.	120
XLVIII. Conclusão feliz	122
<i>Quem é Carlos Heitor Cony?</i>	126

NOTA DO ADAPTADOR

O primeiro contato com *Memórias de um sargento de milícias* provoca surpresa. Em primeiro lugar, pela linguagem, a língua tal como é falada entre nós. Surpresa também pelo tratamento da história em si. Surgia afinal o primeiro anti-herói de nossa literatura. Surgiram os primeiros tipos verdadeiros que delineariam a ficção nacional, tais como o padrinho (que Machado de Assis, José Lins do Rego, Jorge Amado e muitos outros copiaram e copiam ainda), a comadre, o major Vidigal.

Manuel Antônio de Almeida evitou a banalidade dos modelos consagrados. Fez entrar o homem em nossa literatura. Em seu livro não há herói nem vilão. Há o Leonardo-Pataca, que deu um beliscão na salaia infiel, foi pai, foi traído, reincidiu, sofreu, amou, morreu.

Há o padrinho, que se apropriou de herança alheia, com a qual “arranjou-se” naquele fabuloso capítulo que é “O – Arranjei-me – do compadre”. Apesar de ladrão, quer tornar o afilhado padre, amando-o, sacrificando-se por ele. Há sobretudo a comadre – e aí temos, ao lado de Macunaíma, os dois melhores tipos da ficção nacional.

Dos cinco mil personagens criados pela imaginação dos escritores brasileiros, nenhum excede, na perfeição das linhas, no apoio da realidade, a essa figura que escorre sem nome pela história, apenas comadre: “Devemos prevenir o leitor que o caso nas mãos do cego estava praticamente ganho. E só não estava definitivamente ganho porque do outro lado estava a comadre”. Embora em polo oposto, essa comadre forma ao lado de Capitu o que de melhor a pena de nossos romancistas fez em matéria de mulher.

Manuel Antônio de Almeida foi também pioneiro na paisagem urbana que com ele penetra fundamente em nossa ficção. E mais: como acentuou Marques Rebelo, foi ele quem “pela primeira vez escreveu aproximadamente como se fala no Brasil”.

Ronald de Carvalho observava que Almeida “não cortava as

dificuldades com meia dúzia de lugares-comuns dissaboridos, ia ao encontro delas, atacava-as de frente, sem rodeios”.

Procurar as influências em *Memórias de um sargento de milícias* é fácil. Todo o picaresco espanhol e, acima de tudo, *As aventuras de Tom Jones, um enjeitado*, de Henry Fielding, autor que também é comumente citado como uma das maiores influências em Machado de Assis.

Por sinal, Almeida foi amigo e protetor de Machado. Apesar de médico, ele foi diretor da Imprensa Nacional e ali arranjou o primeiro emprego (como tipógrafo) para o autor de *Brás Cubas*. Morrendo moço, aos 31 anos, num naufrágio perto do litoral de Campos (RJ), Almeida também deve ser arrolado entre as influências sofridas por Machado.

Foi feliz Marques Rebelo ao acentuar a ausência de paisagem real em nossa literatura. As selvas que geralmente apareciam eram tão luxuosas que mais pareciam cenários de opereta. No chamado romance urbano, todos os coxins eram de seda adamscada. Até que surgiu Manuel Antônio de Almeida completando e sublimando Debret: nossos escravos, nossos quiosques, nossos postes de iluminação a óleo de peixe, o pelourinho, a casa da cadeia pública, as mulheres de mantilha, as procissões, a via-sacra, os fogos no Campo dos Ciganos. E Debret ficou sendo, mesmo sem o saber e até hoje, o melhor ilustrador para o romance de Almeida, da mesma forma que os traços de Hogarth deram vida aos personagens e cenários de Tom Jones.

Memórias de um sargento de milícias foi teatralizado por Millôr Fernandes para um espetáculo realizado no Largo do Boticário (RJ). Foi musicado em forma de ópera por Francisco Mignone. Foi enredo de escola de samba (e campeão) num carnaval carioca.

Enfim, foi também o livro que marcou minha iniciação literária, daí o amor com que procurei adaptá-lo para os jovens de hoje, na certeza de que este primeiro contato levará ao texto original. Texto que se tornou nosso primeiro clássico, amado por todos os que a ele chegam. E por todos considerado inesquecível.

Carlos Heitor Cony

QUEM FOI MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA?

Manuel Antônio de Almeida nasceu no Rio de Janeiro, em 1831, e faleceu num naufrágio, nas proximidades de Macaé, em 1861, durante sua campanha para eleger-se deputado. De origem humilde, conseguiu formar-se em Medicina lutando contra dificuldades financeiras. Financiava os estudos com a renda que auferia traduzindo folhetins franceses e escrevendo crônicas e críticas para o *Correio Mercantil*.

Não exerceu a profissão de médico. Dedicou-se sempre às artes, tanto ao desenho quanto à literatura. Em 1858, foi nomeado diretor da Imprensa Nacional, ocasião em que teve a oportunidade de auxiliar o então tipógrafo Joaquim Maria Machado de Assis, mais pobre e desvalido do que ele. Além do romance *Memórias de um sargento de milícias*, foi autor também do libreto de ópera *Os dois amores*.

As *Memórias de um sargento de milícias* foram publicadas primeiro como folhetim, em capítulos semanais no suplemento “A Pacotilha”, do jornal *Correio Mercantil*, de junho de 1852 a julho do ano seguinte. A publicação de romances em episódios era acompanhada fielmente pelo público, equivalendo às novelas e séries de televisão de nossos dias. O romance de Manuel Antônio de Almeida obteve tanto sucesso que já em 1854 ganhou a primeira edição em livro.

Almeida tinha apenas vinte e um anos no início da publicação e assinava-se como “um brasileiro”, pseudônimo bastante revelador se observarmos com atenção os personagens de sua obra. Nenhum deles é superior ao seu meio – todos contribuem com sua cota de defeitos e pecados para a engrenagem do mundo.

Manuel Antônio de Almeida escolhe como cenário sua cidade natal, porém situando-a em outro tempo, o “tempo do rei”. O leitor é transportado para um tempo histórico, o de D. João VI, em que a

capital era ainda uma cidade colonial e provinciana. Mas a fórmula “no tempo do rei” remete também a um tempo mítico ou lendário, que já se perdeu: um tempo de festas, de comemorações coletivas, de vida de rua e de certa inocência.

Para sua recriação literária da cidade, Almeida recolheu um material bastante rico no dia a dia da cidade e nos relatos do velho sargento de milícias, Antônio César Ramos, com quem trabalhou no *Correio Mercantil*. Português que viera como soldado para a Guerra Cisplatina, em 1817, Antônio César chegou a sargento e serviu sob as ordens do major Vidigal. Ao dar baixa, passara a trabalhar em jornais. Prezava muito a Manuel Antônio de Almeida, que, antes de subir para a redação, procurava o ex-sargento e o estimulava a contar casos e costumes antigos que aproveitava no seu folhetim semanal.

Capítulo I

Origem, nascimento e batizado

Era no tempo do rei.

Havia, naquela época, os *meirinhos*, oficiais judiciários que gozavam de grande consideração. Havia também o *canto dos meirinhos*, que ficava na esquina da rua do Ouvidor com a da Quitanda. Lá eles se reuniam. Eram gente temível e respeitada. Trajavam casacas pretas, calças e meias da mesma cor, sapatos afivelados e, na cintura, uma espada. Sobre tudo isso, um chapéu complicado, cheio de plumas.

O meirinho usava e abusava de sua posição. Tornava-se terrível para qualquer pessoa que esbarrasse com uma daquelas figuras: ela desdobrava uma folha de papel e começava a lê-la em tom confidencial. Não havia remédio. O cidadão acabava pronunciando as palavras fatais:

– Dou-me por citado.

Mas voltemos à esquina. Quem passasse por ali veria, sentado em banquinhos, um grupo numeroso dessa nobre gente conversando. Entre eles, uma figura constante: Leonardo-Pataca. Gordíssimo, de cabelos brancos, rosto avermelhado, era o mais antigo dos meirinhos que viviam nesse tempo. A velhice o tornara meio pamonha: atrasava os negócios e por isso quase não o procuravam. Assim, ele jamais saía da esquina. Passava dias ali sentado, com as pernas esticadas e o queixo apoiado sobre a bengala.

Viera de Portugal para o Brasil e, aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, conseguiu o cargo de meirinho. Com ele veio no mesmo navio, não sabemos fazer o quê, uma tal de Maria-da-Hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa. Mal o navio partiu de Lisboa, estando a Maria encostada à amurada, Pataca fingiu que passava distraído e deu-lhe um pisão no pé direito. Maria sorriu envergonhada e deu-lhe, também discretamente, um beliscão nas costas. Segundo os costumes da terra deles, isso era uma declaração de amor. Passaram o resto do dia entre pisadelas e beliscões.

Quando saltaram do navio, foram morar juntos. E logo apareceram os efeitos das pisadelas e beliscões: sete meses mais tarde Maria deu à luz um menino gordo, vermelho e cabeludo. Assim que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E esse nascimento é o que nos interessa, porque este menino é o herói de nossa história.

Haviam escolhido como madrinha a parteira. E para padrinho, segundo a vontade da mãe e da comadre (que já começava a mandar em tudo), o barbeiro que morava e trabalhava na loja em frente.

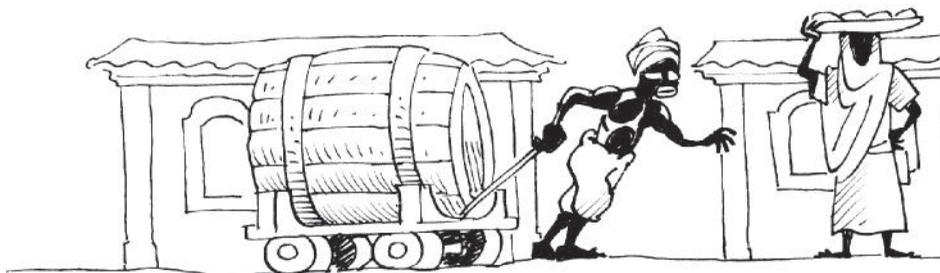
No dia do batizado, os convidados de Pataca, que eram todos portugueses, cantavam. Os convidados da comadre, que eram todos daqui mesmo, dançavam o fado. Estimulado pelas mulheres, Pataca sentou-se num tamborete e pegou a viola. Era uma cena inesquecível, vê-lo em trajes do ofício, de casaca, calção e espada, cantando uma modinha acompanhada com o monótono zum-zum da viola.

As saudades da pátria trouxeram-lhe inspiração:

*Quando estava em minha terra,
Acompanhado ou sozinho,
Cantava de noite e de dia
Ao pé dum copo de vinho!*

Aplaudiram com entusiasmo. A brincadeira esquentou. Daí em diante foi uma bagunça, que logo passou à gritaria e à algazarra. A festa acabou tarde.

A madrinha foi a última a sair, dando bênção ao afilhado.





Capítulo II

Primeiros infortúnios

Vamos agora encontrar o nosso herói com sete anos de idade. Durante todo esse tempo, o menino foi aquilo que anunciou desde que nasceu: uma peste. Atormentava a vizinhança com um choro altíssimo, era raivoso e tinha horror à madrinha, a quem não podia ver.

Logo que começou a andar e falar, tornou-se um flagelo. Quebrava e rasgava tudo o que lhe chegava às mãos. Tinha cisma especial com o chapéu do pai. Se o encontrava em lugar ao seu alcance, pegava-o, espanava com ele os móveis, esfregava-o nas paredes, varria a casa. Maria não o perdoava. Batia-lhe com força, mas o guri não se emendava. Mal acabava a dor das palmadas, as travessuras recomeçavam. Assim chegou aos sete anos.

Maria não parava em casa. Leonardo começava a arrepender-se de tudo o que fizera por ela, tinha sérias suspeitas de que era traído. Meses atrás, havia notado um sargento que passava sempre por sua porta e lançava olhares curiosos através das janelas.

Começou também a estranhar que um outro meirinho, colega seu, o procurasse em casa para tratar de negócios do ofício, mas sempre em horas desencontradas. Finalmente, esbarrou por três ou quatro vezes, nas vizinhanças da casa, com o capitão de um navio que tinha vindo de Lisboa. Isso deixou-o preocupado.

Um dia, pela manhã, entrou sem ser esperado e alguém que estava na sala abriu depressa a janela, pulou por ela e desapareceu. Não tinha mais do que duvidar. Cego de ciúmes, largou uns processos que trazia embaixo do braço e avançou para Maria.

– Grandessíssima!...

O palavrão que ia soltar era tão grande que ficou engasgado na garganta. O corpo todo tremia.

Maria deu dois passos para trás, não era de levar desaforos.

– Vamos com calma, oh Leonardo!

– Não me chames mais pelo nome que te quebro a boca!

– Sai pra lá! Quem te mandou ficar de namoricos comigo no navio?

Leonardo-Pataca enlouqueceu. Avançou sobre Maria, dando-lhe socos. Após uma tentativa inútil de resistir, ela preferiu correr, chorando e gritando:

– Socorro, senhor compadre... senhor compadre!

O compadre fazia a barba de um cidadão e não podia largar o freguês com o rosto ensaboado. Por causa disso, Maria pagou caro.

O menino assistira a toda a cena com imperturbável sangue-frio: enquanto Maria apanhava e Pataca esbravejava, ele rasgava as folhas dos autos que o pai trouxera e deixara cair. Quando Leonardo percebeu o estrago, suspendeu o menino pelas orelhas e acertou-lhe um pontapé no traseiro, jogando-o longe.

– És filho de uma pisadela e de um beliscão. Mereces um pontapé que acabe contigo!

O menino correu para a loja do barbeiro e agarrou-se às suas pernas. O padrinho estava levantando a bacia cheia de espuma. Com o susto, derramou-a em cima do freguês.

– Oh senhor, a culpa é deste endiabrado!

E dirigindo-se ao afilhado:

– O que você quer, menino?

O menino não disse nada. Apontou com o dedo trêmulo na direção da casa.

O compadre olhou. Desculpando-se com o freguês, saiu da loja e foi ver o que se passava, embora já adivinhasse o que acabara de acontecer. Havia muito, sentado no fundo da loja e afiando as navalhas, ele observara os passeios do sargento, as visitas do colega de Leonardo, e por fim a presença estranhíssima do capitão do navio.

Chegando ao outro lado da rua, empurrou o portão e procurou Leonardo.

– Compadre, você perdeu o juízo?

– Não foi o juízo – disse Pataca em tom dramático. – Foi a honra!

Maria sentara-se num canto, a chorar e a maldizer a primeira vez que vira Leonardo, a pisadela, o beliscão e tudo o mais que a dor dos murros lhe trazia à cabeça.